

O plano 'choca' os franceses

REALI JÚNIOR
Nosso Correspondente

PARIS — A proposta brasileira de renegociação da dívida externa, que deverá estar definitivamente estruturada até a reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) continua provocando reações significativas da comunidade financeira internacional. O jornal francês *Tribune de L'Economie*, por exemplo, chega a afirmar que os bancos credores do Brasil se encontram em "estado de choque" após as declarações do ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, sexta-feira, na Áustria.

Além das áreas bancárias japonesas que consideraram inaceitável a fórmula anunciada em Viena pelo ministro brasileiro, também os franceses estão reagindo de forma crítica. Ontem, um banqueiro francês envolvido com a dívida brasileira afirmou aos jornalistas franceses que "o Brasil está querendo introduzir inovações irreversíveis que podem ser dolorosas para todo o sistema bancário". Ele está convencido que se passa alguma coisa que difere da rotina normal de propostas sobre a dívida. A maior parte dos banqueiros france-

ses, entretanto, espera a formalização da proposta para um julgamento definitivo, mas eles estão relativamente chocados pelo fato do ministro Bresser Pereira ter privilegiado um encontro organizado por congressistas democratas norte-americanos para anunciar suas intenções, pois esperavam que elas fossem manifestadas primeiramente ao comitê de bancos. Os mais tranquilos preferem acreditar que isso não passa de um balão de ensaio do ministro Bresser Pereira, razão pela qual procuram manter uma posição mais prudente, mesmo não escondendo uma certa desconfiança.

Os mais exaltados, entretanto, não escondem sua disposição de se oporem ao esquema evocado pelos representantes do governo brasileiro, acreditando que a aceitação da proposta os tornaria cúmplices de um processo de anulação da dívida, tendo acrescentado: "Pelo abandono sucessivo de créditos, acabaríamos efetuando reservas sobre 100% de nossos empréstimos".

Para alguns analistas financeiros, certos bancos franceses encontram-se perplexos diante das proposições anunciadas pelo ministro bra-

sileiro em Viena. A afirmação de Bresser Pereira de que uma parte da dívida é irrecuperável e seu valor de mercado representa apenas 50% do valor contratual é contestada por esses mesmos banqueiros: "Não é verdade. Por que aceitaríamos reduzir os valores dos créditos se, cedo ou tarde, o Brasil estará em condições de reembolsá-los?". Teme-se, também, que o esquema do ministro brasileiro possa deflagrar uma espiral de depreciação contínua dos créditos sobre o Brasil. Por outro lado, responsáveis por um dos grandes bancos franceses envolvidos com a dívida do Terceiro Mundo consideram que as declarações de Bresser Pereira indicam uma evolução a médio prazo, que será a transformação em títulos de parte da dívida. A curto prazo, os bancos credores vão procurar segurar o máximo esse processo, temendo o risco de contaminação, pois nem todos os bancos estariam, no momento, em condições de enfrentar tal evolução. Assim sendo, acredita-se que a chamada "securitização" da dívida dos países em desenvolvimento poderá tornar-se, um dia, um produto financeiro como outro qualquer, dispondo até de um grande mercado.